

As regras podem mudar

Elon Brazil

Ignácio de Aragão

10 FEV 1990

Quando o presidente eleito partiu para sua vitoriosa viagem aos países credores, estendida por conveniência política ou homenagem às origens brasileiras; à União Soviética, Portugal e Espanha, o País era um e as condições políticas, embora conhecidamente graves, correspondiam a ele. Deixou o competente Bernardo Cabral, investido da titularidade de ministro da Justiça, com o auxílio de Chiarelli e Calheiros, para tecer as malhas do apoio parlamentar e político à futura administração. Embora isso tenha sido muito recente, no interregno o País mudou, piorou, virou outro e com ele se alteraram decorrentemente aquelas condições políticas.

Ao chegar de volta, por mais bem informado que tenha estado enquanto lá fora, o presidente eleito ficará surpreso como tudo se deteriorou tanto em tão pouco tempo. A inflação agigantou-se como se fosse atacada de elefantíase. O overnight ultrapassou os três dígitos e continua impávido, cabeça erguida. Os preços mais essenciais prosseguem disparados e, pior, ficaram desordenados. Cada um cobra o que quer pelo que vende, sem

regra nem princípio. Não há parâmetro de nada, a harmonia natural dos preços das coisas desapareceu. O que ainda era previsível, no quadro das dificuldades, não se advinha o que poderá vir a ser. Se um trabalhador (aviso: também eleitor) pagar o transporte que usa, não come; se insistir em comer, não tem como pagar o transporte e perde o emprego; se pagar aluguel, nem come, nem paga o transporte, perde o emprego e o salário e ainda será despejado. (Em outubro deste ano, os políticos irão pedir a esse trabalhador que decida, serenamente, pelo voto, sobre a reconstituição do Congresso Nacional!)

Verá o presidente que o álcool combustível se acabou, voltamos ao racionamento de fato, feito pelos postos, porque nem isso o governo remanescente lembra-se de decidir. Aliás, dentro do governo cada órgão joga a culpa sobre outro, tirando o corpo fora. Ninguém assume qualquer responsabilidade. Logo, porém, apareceram os importadores de plantão, provavelmente os mesmos que trouxeram, no passado, o leite de Chernobyl e o arroz, feijão e carne estragados, mas pagos. Já estão trazendo o discutido

metanol para substituir o nosso álcool verde e amarelo. Devem estar ganhando horrores, pois agem com surpreendente rapidez. Antes que a Justiça diga se o metanol mata rápido ou devagar, os navios cheios dele já estão ali, ao largo, prontos para desembarcar centenas de bilhões de litros. A demora vai ser a fabricação de milhões de trajes de astronauta, para serem usados por todos os que transportam, manuseiam, usam ou lidam, por qualquer forma, com o venenoso produto ou com o carro cheio dele, aí incluindo o pessoal das oficinas mecânicas e as lavadeiras de trajes contaminados. Como as confecções não têm a tecnologia adequada para essa fabricação, a solução também será importá-los. (Aviso aos interessados: outro ótimo negócio!).

Enquanto isto, como se estivéssemos num País normal, os políticos ainda fazem exigências, estabelecem condições, esquecem que foram eles que geraram o que está aí. As regras têm que mudar rapidamente, antes que o povo as mude e cancele as eleições de outubro. Aliás, outubro é um mau mês para decisões políticas, todos sabem.